EXPOSIÇÕES UNIVERSAIS

SEVILHA 1992

João Alfacinha da Silva

EXPO'98 LISBOA

Texto
João Alfacinha da Silva

Revisão de Texto
Fernando Milheiro

Design Gráfico
Luis Chimeno Garrido

Coordenação de Edição
Fernando Luís Sampaio

Coordenação de Produção
Diogo Santos

Fotocomposição, Selecção de cor e Fotolitos
Facsimile, Lda.

Impressão
Seleprinter, Sociedade Gráfica, Lda.

Créditos Fotográficos
CDI (Expo'98) DR

Depósito Legal
124297/98

ISBN 972-8106-06-8

Tiragem
2 000 exemplares

Lisboa, Junho de 1998

Uma Edição



Para começar um mundo novo 7

Classe de 92 8
Enquanto isso... 12
Entretanto, 500 anos mais cedo... 13
Pavilhões: Bandeiras para todos 16
Cartuja, a Ilha ressuscitada 25
Estrelas na Terra 29
O espectáculo (A Vida) continua 31
Sevilha e artes que tem 34
A pé ou de qualquer modo 40
Raízes e alguns frutos 43
Portugal e Sevilha: Em 1929, em 1992 45
Do primeiro dia... 49
Sevilha e mais nada 51

Bibliografia 60



Sevilha'92, estrela do sul

PARA COMEÇAR UM MUNDO NOVO

Entendida como desígnio nacional, como projecto de Estado, como aposta para ganhar, Sevilha volta a estar no mapa dos grandes eventos internacionais (o jejum vinha de 1929) quando o rei Juan Carlos tem em 1976 a iniciativa pessoal de candidatar a capital andaluza à realização da Expo 92.

A data significava muitíssimo para Madrid: dos 500 anos da descoberta da América aos mesmos 500 anos da Reunificação cristã até, cumulativamente, a que seria a integração de Madrid na Comunidade Europeia, para não falar já nos Jogos Olímpicos de Barcelona e em Madrid como Capital Europeia da Cultura. Tudo em 1992. Um desafio prodigioso.

A ideia foi lançada, fortemente apoiada por uma diplomacia ágil e por todos os trunfos que Madrid soube pôr na mesa e em 1983 o Bureau International des Expositions decide, salomonicamente, que Sevilha partilhe com Chicago os louros e os custos do desejado evento.

Dois anos mais tarde, porém, a Câmara dos Representantes do Estado de Illinois recusa os fundos necessários para que a americana brilhe e, agarrando a oportunidade com as duas mãos, sozinha em palco, a cidade morena avançou sem medo.

A 12 de Outubro de 1986 o êxito da candidatura era oficialmente confirmado e o rei Juan Carlos pronunciava um discurso assegurando que a «Espanha honrará os seus compromissos e todo o território será uma porta aberta ao mundo, representado pelos seus diferentes povos e culturas».

Tema escolhido, tema que se impunha: a Era dos Descobrimentos. O tema ambicionava mais do que «uma iluminada exaltação histórica» (conforme palavras avisadas do próprio Juan Carlos) e o conceito veio a ter um alcance bastante mais lato, abarcando as mais significativas descobertas do génio humano nos últimos cinco séculos, possibilitadas pelo achamento do Novo Mundo. Mas não só: incluía também o futuro, as descobertas que as actuais tecnologias preanunciam, da medicina à informática, da física à ecologia e astronomia, passando pelas ciências sociais, do ambiente e do microcosmos ou das comunicações.

A partir daí, de ter sido escolhida a cidade, o tema, a data, o local, foi a vez dos engenheiros, dos arquitectos, das máquinas, dos operários, um frenesim ininterrupto de cinco anos que transformou uma ilhota deserta de 500 hectares numa cidade futurista de 215 hectares

capaz de vir a receber (como recebeu durante a Expo) quase 400 mil pessoas por dia – e a 3 de Outubro foram 630 mil.
Uma cidade feita de raiz, arquitectonicamente espectacular, servida por uma rede de transportes modelar que implicou novos aeroportos, novas estações ferroviárias, novíssimas estradas, que significou investimentos colossais em infra-estruturas de saneamento, paisagísticas, de telecomunicações, informáticas, culturais, desportivas e de serviços, espaços de lazer, novas pontes e hotéis, quase uma centena de restaurantes, um prodígio de técnica e de espírito artístico.
«Um espelho mágico do mundo», como lhe chamou o comissário-geral Emílio Cassinello, um espelho onde se reviram mil milhões de telespectadores no dia da inauguração, onde brilharam 20 mil artistas, que emocionou milhões e milhões de visitantes e que terá custado 18 mil milhões de pesetas.
Um velho sonho para um mundo novo. Expo 92. Sevilha melhor que nunca, Sevilha como sempre.

CLASSE DE 92

Sem dúvida que 1992 foi o «ano espanhol»: distribuindo rapidamente as alegrias pelas freguesias, a Madrid coube o brilho de ser Capital Europeia da Cultura, Barcelona acolheu com estadão as Olimpíadas, Sevilha albergou em glória a Expo, o país todo viu-se a festejar meio milénio, quer da Reunificação (embora Navarra ficasse para 2012) quer da chegada de Colombo à América.
Ano de ouro, ano mágico, ano «irrepetível» (como se o não fossem todos...), 1992 ficou como expoente da vitalidade desenvolvimentista que em pouco tempo havia guindado Espanha a posição destacada nas nações democráticas do Velho Continente. Mais touro ibérico que «tigre ibérico», mas de qualquer modo, um caso de respeito. Plenamente integrado, de um ponto de vista institucional e político, na Comunidade Europeia, com os socialistas de Gonzalez comemorando descomplexadamente uma década de poder, o «vizinho do lado» atravessa os peculiares anos 80 na ilusão de que o crescimento era um milagre de sentido único. Não foi bem assim, mas aqueles ficaram como dias da modernização: das infra-estruturas, das grandes obras, das realizações faraónicas, quiçá das mentalidades.
Assistiu-se ao frenesim da multiplicação das auto-estradas e vias rápidas, novos aeroportos, novíssimos hotéis, comboios de alta velo-

cidade, mega-instalações desportivas, culturais e de espectáculos, recuperação, renovação, construção e reconstrução.

Veio a público um ministro da economia, Carlos Solchaga, e disse: «Espanha é o país onde se ganha dinheiro mais rapidamente.» Frases destas marcam um tempo. Para o melhor e para o pior.

Foram anos, como aqueles de 1986 a 1990, em que o PIB espanhol crescia mais de 4 % ao ano, em que se criavam sete milhões de postos de trabalho, em que se vendiam quatro milhões de automóveis e apareciam 3500 quilómetros de luzidias auto-estradas e vias rápidas, época de adorar betão e cifrão.

De um modo algo simplista, poder-se-á recordar que os *yuppies* se julgavam fadados para o poder eterno, e no horizonte imediato campeavam o liberalismo económico, a especulação à solta, a peseta fácil, o novo-riquismo ostentatório. Escancarada a porta, eis o cortejo dos escândalos políticos, financeiros, conjugais e extraconjugais, eis maduro o fruto da *gente guapa* que é tornada *sexy* pela potência do dinheiro e pela paranóia concorrencial dos órgãos de comunicação ávidos de explorar sem freio os becos do *corazón*.

Confundindo a arena com a felicidade, o touro desencabrestara e via-se surpreendido e ofendido pelo ataque irrespeitoso de fenómenos desagradáveis como o desemprego, a droga, a insegurança, a pobreza rancorosa, o terrorismo, o racismo. Tal borrão na pintura, há que admiti-lo, não constituía propriedade reservada de quem quer que fosse, mas é de meridiana ironia que ele tenha caído «no país onde se ganha dinheiro mais rapidamente».

Terão esses anos de profundo hedonismo, de fúria consumista e perdulária, beliscado insaravelmente o carácter daquele que, no século XIX e para Stendhal, era «o último povo europeu com carácter»? Terão eles funcionado como o exorcismo, a purga inevitável para aqueles outros tempos de chumbo, franquistas, de isolamento e miséria, repressão e antagonismos?

Terão servido como panaceia para o suposto pavor da solidão que Francisco Umbral detecta no seu *Guia irracional de Espanha* e que combateriam a toque de paixões como a *fiesta*, as *movidas*, os rituais colectivos religiosos, desportivos ou musicais, ou os catárticos *sanfermines*, as tertúlias por tudo e por nada?

Questões interessantes, essas, mas retóricas, pois, como lapidarmente escreveu Albert Camus «no Sul, o sol acaba com as perguntas». A todas aquelas, e outras eventualmente ociosas dúvidas, respondem os Espanhóis da maneira mais espanhola que sabem e que é todo um programa de ser. Chamam-lhe *ganas de vivir*. E que, precisemos, não



de hoje: passado e futuro



se confunde com a histeria de viver contra o tempo, mas resulta num modo meridional, solar, humano, de beber o cálice cheio da vida.

ENQUANTO ISSO....

Enquanto os Espanhóis sorviam, deliciados, o seu ano dos prodígios, já para a inglesa Isabel II, 1992 ficava como o amargo *annus horribillis*, entre outros motivos pelas separações de Carlos/Diana e de André/Sara.
Mau seria ele, como todos os anos, por causa de guerras (o estilhaçar da ex-Jugoslávia, no caso), por causa da fome e da miséria crónica em África, dos extremismos inconciliáveis (Argélia ou Índia), do racismo endémico (em países como a Alemanha ou Itália), das emigrações maciças a que se viam forçadas populações inteiras, da violência urbana (Los Angeles), da droga (*urbi et orbe*), dos desastres naturais (cheias na China, tufões na Florida, terramoto no Cairo, explosões do Etna) e aí 1992 foi, mais coisa menos coisa, um ano desgraçadamente igual a todos os outros.
Igual e diferente, 1992 viu Bill Clinton ser eleito nos Estados Unidos, viu a vitória de John Major em Inglaterra e assistiu à divisão pacífica da Checoslováquia em dois novos países. A Dinamarca era campeã europeia de futebol, o campeão de boxe Mike Tyson ia para a prisão por violação e da cadeia fugia Pablo Escobar, barão colombiano do narcotráfico.
Viu-se a primeira Miss da Albânia pós-comunista, o casamento de Yasser Arafat e a litigiosa separação de Woody Allen e Mia Farrow. Perto de Paris abria a Eurodisney e perto de Lisboa a SIC.
Preferiríamos não ter assistido (mas a vida é como a vida é) às mortes que 1992 nos trouxe: pintores como Francis Bacon ou Vieira da Silva; actores como Anthony Perkins, Marlene Dietrich, Arletty, Eugénio Salvador ou Benny Hill; escritores como Isaac Asimov, Virgil Gheorghiu, Angela Carter, Graça Pina de Morais ou Hervé Guibert; músicos da estirpe de Astor Piazzolla, Atahualpa Yupanqui ou Martinho Assunção; compositores tão fundamentais como John Cage, Olivier Messiaen ou Constança Capdeville; estadistas marcantes como Alexander Dubcek, Willy Brandt, Menahem Begin ou Ulysses Guimarães; intelectuais da craveira de Felix Guattari, Luís de Albuquerque ou João Barahona Fernandes; cavaleiros solitários a quem a vida ficou curta demais, como Petra Kelly, Giovanni Falcone ou Salgueiro Maia; editores arrojados como William Gaines, funda-

dor da revista satírica *Mad* ou Fernando Ribeiro de Mello, da portuguesa *Afrodite*; realizadores como Satyajit Ray ou críticos de cinema como Serge Daney ou de artes plásticas como Joaquim Matos Chaves.

Não findaria 1992 sem pôr fim a dois mitos populares portugueses, o Carlos dos Jornais (ardina e poeta) e Maria Branca dos Santos, muito conhecida por Dona Branca, a malograda «banqueira do povo». Irrepetível, 1992? Sem dúvida nenhuma. Mas não mais nem menos do que cada um e todos os anos das nossas vidas. E isso, verdade seja dita, até dá pena.

ENTRETANTO, 500 ANOS MAIS CEDO...

... em 1492, ocorriam algumas inovações verdadeiramente memoráveis, de entre as quais nos apraz registar as mais marcantes:

– o primeiro projecto que se conhece duma máquina voadora, digamos um avião, cujo autor não podia deixar de ser um dos criadores mais absolutos da Humanidade, artista, inventor, cientista, visionário de génio, Leonardo da Vinci (1452-1519);

– a primeira gramática que se conhece duma língua viva, no caso a castelhana, e cuja autoria cabe a Elio de Labrija (1441-1522);



– o primeiro globo terrestre moderno, que se deve a Martin Behaim, navegador alemão que viveu largos anos em Portugal, onde respondia pelo nome de Martim da Boémia e que na Nuremberga natal construiu a esfera que o tornaria célebre.

Por outro lado, em 1492 sentava-se na cadeira de S. Pedro o novo papa, Alexandre VI, nascido Rodrigo e da célebre linhagem dos Bórgia (que teve pelo menos cinco

filhos, entre eles os lendários César e Lucrécia) e sob cuja égide Portugal e Espanha assinariam dois anos depois o Tratado de Tordesilhas.

Ainda nesse 92 os Reis Católicos expulsam de Espanha os judeus (e um deles, o matemático e astrólogo Abraão Zacuto, autor do *Almanach Perpetuum* [1469], procura refúgio em Portugal onde emprestaria os seus conhecimentos à ciência lusitana), sendo que no mesmíssimo 1492 caía o último bastião mouro da Península Ibérica e o rei Boabdil de Granada rendia-se a Fernando de Aragão e a Isabel de Castela, que assim conseguiam a tão sonhada e sofrida unidade política da Coroa (Navarra ficaria para 20 anos depois).

Finalmente, e para ilustrar como 1492 foi, em enorme parte, um «ano espanhol», eis o feito maior, a viagem de Colombo, a primeira e a mais decisiva de quantas fez à futura América.

Entre parêntesis diremos que, se há figura de proa tocante na gesta ibérica dos Descobrimentos – e muitas há – Cristóvão Colombo é das que hoje mais nos poderá comover. Deixemos de lado, piedosamente a irresolúvel controvérsia de apurar a nacionalidade dele, se o diário de bordo foi ou não escrito por ele e todas as outras razões obscuras que envolvem o assunto, como se aconselha idêntica distância face aos dados históricos inquestionáveis. O que comove na imensa figura humana é a determinação na busca dum destino heróico junto às cortes de vária gente, é conseguir a glória através duma fantástica aventura de 4 mil milhas e 70 dias de incerteza, motins e solidão a bordo (da *Pinta*, da *Niña* e da *Santa Maria*), é chegar onde queria sem ter chegado onde quereria, descobrir o paraíso antilhano, caribenho, centro-americano (e o nome exacto é Guanahani, ilha das Baamas, a 12 de Outubro de 1492), entregá-lo virgem à Coroa e no fim ser quase que usurpado da proeza que ainda por três vezes repetiria (dizem muitos que na convicção errónea de ter aportado às Índias da Ásia ou a essa mítica Cipango que a sua tenacidade e a lenda consagraram como um Novo Mundo) e vir a morrer abandonado por todos a que servira.

Colombo morre em Valhadolid em 1506 e felizmente é poupado à cruel humilhação de ver um geógrafo alemão, Martin Waldeseemüller, estabelecer no ano seguinte um novo mapa-múndi que já representava a nova realidade física e propunha a baptizassem de *América* em homenagem ao florentino Vespúcio (*Americi terram*, «terra de Américo») que ao serviço da mesma Espanha explorara as novas costas e em 1502 tinha aventado a hipótese de as Índias de Colombo serem, como de facto eram, outro continente.

Nada disso retira um milésimo à glória trágica deste inteiro marinheiro, faltando acrescentar ao muito que se lhe deve, ter Colombo descoberto na sua viagem fundadora a declinação magnética, ou seja, que o Norte magnético não coincide com o Norte geográfico, além de ele ter trazido para a Europa plantas até então desconhecidas por cá e que contribuíram bastante para o desenvolvimento da agricultura, medicina ou ciência farmacêutica.

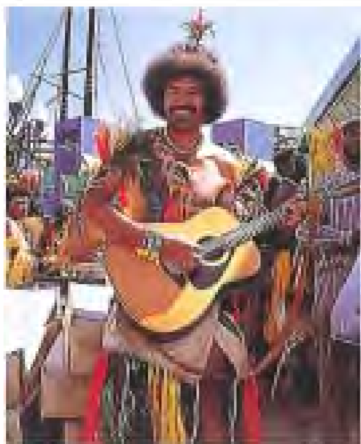
Se em vida Colombo foi figura mais ou menos secreta e algo controversa, depois de morto nem se fala...

Nas Comemorações dos 500 Anos da Descoberta da América ele viu-se elevado a píncaros épicos, herói da modernidade, semi-santo, semideus, e muito compreensivelmente os Espanhóis viram em Colombo, em 1492, o pioneiro de um futuro que a Expo de 1992 herdava e ampliava. Só que, nestes tempos de revisão dos conceitos históricos, com uma opinião pública mais favorável aos direitos das minorias e dos povos indígenas, a personalidade e a aventura de Colombo incendiaram paixões por toda a América, com assanhadas manifestações pró e contra, e opiniões dum radicalismo total.

Índios do Sul, Centro e Norte, apontavam um retrospectivo dedo acusador e bramavam: «Colombo invadiu a América, não a descobriu», e inventariavam injúrias sofridas ao longo da colonização, as reais ou imaginárias feridas por sarar. E bispos houve, na Guatemala por exemplo, que lhes pediram perdão «pelo silêncio de cinco séculos». E Fidel Castro, que não é índio, lançava achas para a fogueira: «não foi uma descoberta, mas uma violenta intrusão da Europa na América.» Do outro lado da barricada, já o vimos, vingava a glorificação da indiscutível proeza náutica e tecnológica que representou o achamento do Novo Mundo, com realce para a sua carga simbólica, com orgulho nacionalista, com um disfarçar dos excessos dos antepassados, afirmação de que o passado não pode ser julgado só à luz dos actuais conceitos dominantes e um estender de mão apaziguador aos descendentes dos ameríndios originais.

Também a 12 de Outubro de 1992 – dia de fecho da Expo e da chegada à América – vimos o papa pôr da sua água na fervura, ao visitar a República Dominicana e evocar a primeira missa católica ali celebrada: «na evangelização da América Latina, como em qualquer obra humana, houve sucessos e erros, luzes e sombras, mas mais luzes que sombras.»

Toda essa polémica, à qual parecia inútil tentar fugir e que será eterna, teve no entanto um efeito curioso: no Canadá, um milhão de esquimós e índios Mowak iam poder recuperar o seu direito à auto-



governação e às 600 tribos locais era reconhecido o direito de gerirem florestas, gás mineral ou petróleo das terras originariamente suas e das quais o homem branco os desapossara, como sempre faria por onde quer que pudesse.
No fundo, justiça seja feita e *honni soit qui mal y pense*, uma coisa parece certa: Colombo só pôs o ovo. Há 500 anos. E dele nasceu também, acreditem, a Expo 92.

PAVILHÕES: BANDEIRAS PARA TODOS

A Expo 92 pretendeu ser, o que só a enobrece, um regalo para os sentidos e para a inteligência, tentando não descurar (ou não estivéssemos na Andaluzia) aquilo com que se compram os melões, isto é, o fazer fé nas propaladas virtudes das altas tecnologias como gazua para abrir as portas dum devir economicamente mais radioso.
Vários desses legítimos propósitos passavam, embora não exclusivamente, pelo recheio dos pavilhões que enriqueciam o recinto. Havia cinco tipos deles: os pavilhões dos países participantes, os temáticos, os das comunidades autonómicas espanholas, os das organizações nacionais e internacionais e finalmente os das empresas.
Foram cinco os pavilhões temáticos erigidos na Isla de la Cartuja, cujo recheio e programação correspondiam a outras tantas linhas de força que presidiam ao certame.
O *Pavilhão dos Descobrimentos* era o mais emblemático dos cinco, aquele que melhor concentrava o espírito do evento: demonstrar como as viagens de Quinhentos foram factor decisivo na nova visão e no desenvolvimento futuro do planeta. Escrevemos «*era* o mais emblemático» e o tempo verbal tem que ser entendido no sentido literal daquilo que *não foi*. A dois meses da inauguração, a 18 de Fevereiro, um incêndio devastava irremediavelmente o pavilhão. Só ficou intacto o cinema Omnimax, que lhe estava anexo, e onde foi possível ver no ecrã de 360 graus, 24 metros de diâmetro e alta definição, um resumo dos grandes descobrimentos do Homem, quer as descobertas geográficas, quer as mais relevantes conquistas científicas ao longo dos séculos.



Por seu turno, o *Pavilhão do século XV* ancorava-se no universo pré-renascentista e no esforço de exploração e de aventura que foi a passagem do mundo medieval para o espaço sem fronteiras do mundo moderno. O pavilhão compunha-se de um jardim renascentista inspirado nas ilustrações de *O Sonho de Polifemo*; tinha uma zona de espera, com elementos alusivos às crenças vigentes na altura, e símbolos fantásticos como o grande relógio astronómico; havia igualmente um espectáculo de teatro que ilustrava uma peregrinação de um europeu do Norte até Santiago de Compostela; por fim, na zona de saída, a reprodução das Índias de Colombo tal qual ele as descreveu no seu Diário.

O *Pavilhão da Navegação* estendia-se por 6400 metros quadrados e assemelhava-se à quilha invertida dum barco. Dum ponto de vista do conteúdo, ali se ilustrava a evolução das técnicas que permitiram o domínio dos mares por parte dos impérios europeus, e de como tal domínio foi essencial para assegurar o controlo das novas riquezas que iriam ficar à mão de semear. No interior, reproduções de barcos históricos e típicos de todos os povos marinheiros, como vikings, polinésios, ibéricos, chineses e outros vários. Também se viu uma réplica do primeiro navio a dar a volta ao mundo, a nau *Victoria*.

O *Pavilhão da Natureza* fazia gala nos suportes audiovisuais que mostravam a diversidade ambiental da América, na grande bolha que reproduzia a vida na selva amazónica, nas 432 variedades botânicas do Jardim Americano e que significavam a importância das trocas de produtos naturais entre os dois continentes.

Ao *Pavilhão Praça do Futuro* presidia a ideia de que o futuro da Terra importa a todos, porque a Terra é a casa comum de todos. Estava dividido em quatro grandes áreas ou subpavilhões:

Meio Ambiente (e o retrato dado não era nada, mas mesmo nada meigo para industriais, políticos e consumidores, todos responsabilizados pela universal degradação ambiental);

Energia (onde o espectador também era confrontado com a sua responsabilidade no uso e abuso de recursos energéticos limitados);

Telecomunicações (a Terra como aldeia global, o império das comunicações, televisões emitindo em directo de todos os países ou quase, interactividade e tecnologias de ponta);

Universo (acentuadas preocupações didácticas, um passeio virtual no cosmos, maquetas do lançador *Ariane 4* e do avião espacial *Hermes* ambos europeus, um acelerador de partículas, uma parabólica com 18 metros para enviar mensagens reais interestelares).

Ou seja: nos pavilhões temáticos da Expo 92 procurou-se educar,



divertindo. Ou vice-versa. Orgulhosos do passado, nem tanto do presente, confiantes no futuro.

Quanto aos 112 *países participantes*, só sensivelmente metade (63) optou por representação com pavilhão individual. Os restantes, seja por prováveis razões de contenção económica, por similitudes étnicas, culturais ou proximidade geográfica, resolveram agrupar-se.

Assim, num edifício de 15 mil metros quadrados ficaram 15 países africanos, a chamada *Praça de África*, onde a diversidade e o parentesco do continente negro estiveram patentes: Angola fazendo gala do seu enorme potencial económico; Cabo Verde da herança portuguesa e da sua original cultura africana; os Camarões mostrando peças arqueológicas e tradicionais; o Congo levando artesanato, máscaras antigas e esculturas contemporâneas; a Costa do Marfim e o Gabão, a Guiné-Bissau e a Guiné Equatorial patenteando as suas virtualidades folclóricas, ecológicas ou agrícolas; o Quénia optando por expor a sua oferta turístico-cinegética e dar a provar chá e café; Moçambique e São Tomé e Príncipe valorizando as qualidades etnográficas, as potencialidades turísticas e económicas; a Nigéria com artesanato e mostrando a aplicação de novas tecnologias à transformação de matérias-primas; o Senegal com produtos artesanais, arte antiga, trajes típicos e a sua diversidade cultural; a Zâmbia mostrando têxteis, flores, pedras preciosas, além de apresentar o melhor da sua beleza paisagística; o Zimbabwe com artesanato rural e uma selecção de centenárias esculturas talhadas em pedra.

Em resumo: um continente onde se acumulam inimagináveis carências e calamidades, esmerava-se em mostrar o melhor que tinha, porque a ocasião era para isso mesmo.



Ver tudo, não perder nada



Na maior superfície coberta do recinto, 30 mil metros quadrados, o edifício da *Praça da América* albergava 16 países sul-americanos, todos de língua oficial castelhana, excepto o Brasil.
O local abundou de momentos culturais, bailes e recitais, teatro e orquestras sinfónicas, toda a alegria contagiante dos ritmos tropicais e uma oferta irrecusável de culinária e bebidas latino-americanas.
Alguns destaques individualizados: a dominante ecológica da Argentina, a par de riquezas pré-hispânicas; o colombiano tesouro dos Quimbayas; os objectos arqueológicos de ouro e jade que a Costa Rica levou à Expo; a exposição magnificente intitulada «O Ouro da América» que diversas nações andinas ali expuseram; o icebergue chileno, mantido no seu pavilhão de pinho a 40 graus negativos e vindo da gelada Antárctida; o fulgor das civilizações maias trazido por hondurenhos e guatemaltecos, tal como os peruanos com a faustosa cultura inca; a âncora da caravela *Santa Maria*, apresentada pelo Haiti; a memória asteca dos mexicanos, com reprodução em escala reduzida dos principais monumentos.
Com muita história comum, nem sempre pacífica, mas o que lá vai lá vai (ou talvez não), a América do Sul esteve inteira em Sevilha, numa retribuição dessa mítica primeira visita de 1492, um reencontro de dois mundos.
Também em conjunto estiveram países como o Egipto, Jordânia, Síria, os da Liga Árabe e dos Emirados Árabes Unidos, obviamente agrupados por laços civilizacionais e geográficos. Apresentando folclore, cultura, achados arqueológicos que nunca tinham viajado até ao Ocidente e alguns deles com a bonita idade de seis mil anos, os *países árabes* mostravam uma forte presença museológica e o exotismo proverbial das Mil e Uma Noites.
Optando também por representação num edifício conjunto, os *países do Caribe* trouxeram folclore, bebidas típicas, a presença do mar e do carnaval, tal como as *ilhas do Pacífico Sul* apostaram na promoção turística e nas tradições exóticas locais.
Finalmente, os *países bálticos* – Letónia, Estónia e Lituânia –, que só à última hora se puderam incorporar nesta Festa Universal, também eles capricharam num representação no mesmo local, junto ao Pavilhão das Artes.
Individualmente, e seguindo uma ordem alfabética, destacaremos as propostas que em Sevilha se afiguraram mais criativas e originais.
O Pavilhão Alemão surpreendeu pela ousada estrutura elíptica suspensa a 20 metros, que sobre ele projectava uma invejável sombra,

enquanto no exterior uma espécie de carrocel estava dedicada aos aventureiros e pícaros de cinco séculos de Literatura e, para memória e exemplo, bocados do Muro de Berlim chamavam as atenções.
A Arábia Saudita reproduzia no seu espaço um oásis (com areia do deserto e tudo), maquetas de Medina e Meca, mostrava as portas da Kaaba e o *Corão* original, tudo sob o pendão claro do islamismo.
A Austrália mostrou uma jóia de 15 quilos de ouro e 20 mil diamantes, o «ovo Argyle», que tem 70 centímetros e em Espanha valia qualquer coisa como 1200 milhões de pesetas, sendo o objecto mais valioso da Expo.
No Pavilhão Belga, realce para a pintura de Rubens, Magritte ou Delvaux.
No Canadiano, o enorme ecrã Imax de alta definição, um dos últimos gritos em imagens de alta tecnologia.
No da Coreia do Sul reproduzia-se um típico lar local e mereceu curiosidade um modelo do primeiro barco blindado do mundo, invenção coreana do século XVI.
No Pavilhão Chinês, relevo para as invenções que reconhecidamente lhes devemos, como o papel, a pólvora ou a bússola, além de terem causado admiração os soldados de terracota guardando um túmulo imperial.
Na representação de Chipre, ícones bizantinos e o milenar barco *Kyrenia*.
No Pavilhão Americano, destaque para *The Bill of Rights*, que uma imagem feliz crismou de «Bíblia civil» dos Estados Unidos.
No Francês, a estrela era o *poço das imagens*, que projectava vídeos de quase 20 metros de profundidade sobre um ecrã de 500 metros quadrados e paredes espelhadas.
A Grã-Bretanha apresentou uma espécie de catedral de água com muros que pareciam líquidos nos seus 18 metros.
A Grécia pôs no Guadalquivir um barco ateniense para cem pessoas.
A Holanda mostrava Van Gogh e Rembrandt, e o pavilhão era permanentemente pulverizado com água.
O sítio húngaro simulava uma igreja rural e despertou interesse uma árvore chamada «da vida» com raízes visíveis através do chão de vidro.
A Itália trouxe o Renascimento para as margens do Bétis com esculturas de Miguel Ângelo.
O exterior do Pavilhão Indiano lembrava a cauda aberta dum pavão real.
Os Japoneses apareceram com a maior construção do mundo feita só de madeira e lá dentro mereceram elogios a reprodução, à escala

natural, de parte do Castelo de Azuchi do século XVI e de um templo xintoísta portátil.
O Mónaco levava um aquário gigante de 400 mil litros de água e uma reprodução do Museu Oceanográfico de Jacques Cousteau.
Marrocos deixou em Sevilha, e lá ficará, um palácio saído dos sonhos de Xherazade, inteiramente feito à mão, e que é uma réplica perfeita dos palácios dos gloriosos tempos do al-Andalus.
O México tinha um cacto milenar e uma pirâmide truncada que é memória da idade asteca.
A Nova Zelândia mostrou uma tribo de aborígenes maoris.
Portugal, o original do Tratado de Tordesilhas.
A Santa Sé, uma colecção de catecismos em todos os idiomas e dialectos da América, lembrando o papel da Igreja na Conquista.
A Suíça espantou com uma torre de 38 metros de altura em papel reciclável.
Esta escolha, que está longe de ser exaustiva, só pretende sublinhar o carácter absolutamente excepcional de muitas peças que a Expo 92 ostentava. Em valor real e em peso simbólico e universalista. Como se, nesta e semelhantes ocasiões, a Humanidade resolvesse exibir o carácter perene da sua criatividade e um orgulho justificado nas suas obras e varresse para debaixo do tapete aquilo que todos os dias vemos por esse mundo fora.
Pavilhões, tiveram ainda em Sevilha, *empresas* e *organismos nacionais e internacionais.*
Empresas de forte implantação local como o Banesto ou a Cruz--Campo, empresas internacionais de acentuado pendor tecnológico como a Siemens e a Fujitsu.
Organismos como o Comité Internacional Olímpico, a Comunidade Europeia, a ONU, a Cruz Vermelha e a ONCE, esta com um pavilhão dedicado aos deficientes físicos, onde sobressaía uma biblioteca *braille.*
Finalmente, e como mandam as leis da hospitalidade, os donos da casa. Quer nos pavilhões das 17 comunidades autonómicas, quer no Pavilhão Espanhol propriamente dito, os anfitriões deram indubitavelmente o melhor de si.
A Andaluzia quis mostrar a sua vitalidade económica e como um futuro tecnológico lhe conviria;
Aragão fez um pavilhão interior e mostrou dez obras de Goya;
Astúrias simbolizou os seus bosques e a sua natureza;
a casa das Baleares fazia lembrar um veleiro e lá estavam criações de Miró e uma homenagem a Raimon Llull;

a transparência do Pavilhão das Canárias permitia imaginar que no interior se tratava da história das ilhas;
da Cantábria vieram reproduções das grutas de Altamira e dos mapas do cartógrafo Juan de la Cosa;
de Castela-Mancha, uma exposição permanente de El Greco;
de Castela-Leão, esculturas e pinturas da Idade do Ferro e vários dos primeiros manuscritos em castelhano;
de Catalunha, obras de Dalí e Tàpies e uma coluna totémica audiovisual;
da Estremadura, obras de Zurbarán e a tónica posta na região como reserva natural;
da Galiza, mármores e granitos, a apresentação do Caminho de Santiago;
Rioja mostrou o primeiro texto escrito em castelhano, as *Glosas Emilianenses*, e poemas de Gonzalo de Berceo;
Madrid quis mostrar-se como uma cidade aberta e trouxe uma estátua da deusa Cibele, a *Grande Mãe* da fecundidade;
de Múrcia veio o submarino de Isaac Peral;
de Navarra, 12 capitéis românicos da que outrora fora Catedral de Pamplona;
do País Basco, um ecrã de 360 graus e a exposição do seu passado e presente;
de Valência, a cultura do Sul entre mouros e cristãos.
Quanto ao *Pavilhão de Espanha*, propriamente dito: uma extraordinária exposição de pintura espanhola, 45 quadros de 29 clássicos (de Velázquez a El Greco, de Picasso a Murillo, de Goya a Juan Gris, Dalí, etc.), outra sobre os Descobrimentos e uma sala de cinema para alta definição, com ecrã semiesférico e assentos móveis. Exteriormente, o pavilhão (com 25 mil metros quadrados) era composto por uma espécie de cubo branco gigante com 30 metros de lado e uma cúpula de cobre com 24 metros de altura.
Concluindo: muito para ver e tudo ficou visto.

CARTUJA, A ILHA RESSUSCITADA

Quando ficou decidido, em Julho de 1985, que a futura Exposição Universal de Sevilha se realizasse na Isla de la Cartuja, ou ilha da Cartuxa para sermos mais portuguesmente precisos, deve ter havido quem, espantadíssimo, perguntasse: onde?
Até Agosto de 1987, ao principiarem as obras para a Expo 92, a ilha


Cartuja: silêncio, eloquência

era um aprazível deserto de 500 hectares onde repousavam, de desejado e merecido esquecimento, um mosteiro e uma fábrica de cerâmica. Talvez umas vaquinhas pastassem nas redondezas e era tudo.
A ilha vivia cercada pelos dois braços do Guadalquivir e esse isolamento sempre fora ouro sobre azul para os monges de Santa Maria de las Cuevas, cuja Ordem religiosa expressamente professa a contemplação, o silêncio, a oração, a pobreza, a penitência, a humildade, o trabalho e a solidão monacal, tudo virtudes estimáveis e pouco correntes nos tempos que correm. A talhe de foice, recordaremos que perto de Évora existe um convento cartuxo fundado em 1587, suprimido em 1834 (curiosamente um ano antes de ser expropriado o de Sevilha) e que reabriu em 1960.
A Ordem Cartuxa é antiquíssima, nascida que foi em 1084, e o fun-



dador chama-se S. Bruno, teólogo natural de Colónia donde emigrou para a francesa Reims, ai constituindo a Irmandade que uns séculos mais tarde, a partir de 1418, se instalaria no palco da futuramente badaladíssima Expo sevilhana, o que aliás não deixa de ser pequena ironia.

Santa Maria de las Cuevas deve ter sido um mosteiro medieval como tantos outros, fechado sobre si próprio, e o que de notável apresenta relaciona-se directamente com uma das grandes linhas de orientação da Mostra, ou seja, a comemoração dos 500 anos da descoberta da América. Rezam as crónicas que Colombo preparou ali algumas das suas viagens e que os seus restos mortais lá repousaram na Capela de Santa Ana de 1509 a 1527, e hoje ninguém sabe onde param, talvez na Catedral de Santo Domingo ou de Sevilha ou debaixo de um

actual salão de bilhares na Valhadolid onde morrera a 20 de Maio de 1506. Seja como for, o mosteiro lá foi andando, devagarinho e alheio a todo o exterior, até ser expropriado em 1835. Três anos mais tarde era arrendado a um tal Mr. C. Pickman, industrial inglês que ali resolveu instalar uma fábrica de louça.

Poder-se-ia crer que a história da Cartuja se ficaria por aí, injusta e triste, numa empresa vocacionada para a falência a prazo. Mas, por qualquer mistério a que será legítimo rotular de justiça poética, o convento cartuxo haveria de ressuscitar e a decadência acabou em 1964 quando o conjunto foi declarado monumento nacional e em 1982 tornado posse da Junta da Andaluzia. Cinco anos depois dá-se início aos trabalhos de restauro.

Passamos, rapidamente, para a Expo 92 e ali o vemos, com mal disfarçada emoção, erguer-se esplêndido junto ao rio que o vira nascer há mais de cinco séculos, o outrora pobre Convento de Santa Maria, o agora Pavilhão Real, símbolo primeiro da Expo, cordão umbilical ligando duas épocas grandiosas do país. «Ligando duas épocas» vírgula. Três épocas será melhor dito.

Na Isla de la Cartuja nascia o sonho, pesadelo ou miragem que a realidade se encarregará de confirmar ou desmentir, de um «Sillicon Valley andaluz».

Aproveitando o balanço tecnológico que era bandeira da Expo, pretendeu-se realizar um projecto deveras ambicioso de desenvolvimento com base na prestação de serviços à investigação, à actividade empresarial e à formação profissional, em várias das infra-estruturas que ali permaneceram.

Cartuja 93 foi o nome de código para uma aventura desenhada sob a orientação dos sociólogos Manuel Castells e Peter Hall e que significou um investimento de 1,4 mil milhões de dólares. Como se calcula, a ideia não era nada má. Mas, por azar, aconteceu o que não se podia prever: Guerra do Golfo, uma reunificação alemã mais cara do que se previa, instabilidade económica por essa Europa com arrefecimento das economias-locomotiva, os primeiros indícios de dificuldades em Madrid (sondagem de *El País* mostrava dois terços dos espanhóis descrentes no futuro da sua economia).

Nuvens pesadas sobre a *Cartuja 93*, que se viu forçada a redimensionar o projecto e logo ao início não estava mais de metade das 40 empresas inicialmente previstas, quando o devir era um mar de rosas. O projecto inclinou-se mais para a parte lúdica e de serviços. Talvez que o futuro fique adiado para amanhã. A Isla de la Cartuja já nos demonstrou que ali tudo é possível. Assim seja.

E se a Expo 92 tivesse sido um concurso de estrelas, qual delas arrecadaria o ceptro, a coroa, a taça?
Do modo que as coisas correram, talvez o mais sensato fosse inventar um prémio *ex-aequo* para as diversas candidatas. A saber:
– a *comunicação*, que tudo indica poder ser a menina dos olhos do próximo século, já brilhou a grande altura nesta antecâmara do milénio que bate à porta. Muitas das grandes empresas que, nada inocentemente, demandaram a capital andaluza, fizeram-no porque perceberam que esta era uma montra de excepção para os seus produtos, fossem centrais de comutação analógica, tratamento de dados, reproduções audiovisuais em suportes avançadíssimos, sistemas de reconhecimento de voz ou imagens televisionadas de alta definição;
– as *novas tecnologias*, que parecem estar a pôr de lado o plástico (ecologia *oblige*), as modernas técnicas de realidade virtual, os *lasers*, o ecrã multivídeo, tudo aquilo que ainda hoje espanta e que amanhã



poderá ser vulgar de Lineu e que traz em desenfreada competição poderosíssimas multinacionais. Citando Emílio Casinello, comissário da Expo, (uma exposição) «demonstra o valor e a capacidade transformadora da ciência, tecnologia e da cultura em geral; é capaz de gerar na juventude uma renovada procura de educação, conhecimentos e produtos culturais novos»;
– a *água*, que é o sangue do planeta, teve na Expo 92 (e os 40 graus de calor a isso ajudavam) um lugar na primeira fila, quer pela utili-




zação feita nos pavilhões dos países participantes (ninguém apreciaria ficar assado), quer pelo uso das técnicas bioclimáticas nos espaços públicos, pavimentos frios e a vaporização do exterior com água fria para reduzir a canícula abrasadora, quer pela multiplicação de fontes, a plantação de 25 mil novas árvores e 30 mil arbustos, além de 50 mil metros quadrados de sombra produzida por caramanchões e pérgolas.

Qualquer uma destas três entidades poderia ocupar com justiça um hipotético *podium* na Expo 92.

Mas houve duas outras coisas e essas, semelhantes entre si, por definição não têm preço e mereciam o lugar de honra:

– por um lado, o entusiasmo com que toda uma região abraçou um projecto arriscado e ciclópico, e dele fez paixão e razão de ser;

– por outro lado, o genuíno, intransmissível espanto dos visitantes que pela primeira vez penetravam no recinto e logo se extasiavam com as pontes aerodinânimas, os edifícios surpreendentes, o ar de magia que tudo respirava, e se enfiavam numa das 108 cabinas climatizadas que a 20 metros de altura funcionavam a energia solar, e ali lhes dava a sensação virgem que um navegante de Quinhentos teria ao desembarcar em terra ignota.

Essa geral alegria inicial, vale por tudo, é puro encantamento. Nessa Babel civilizada, em que as proezas da técnica e da ciência eram servidas com sentido lúdico, em que o comboio panorâmico monocarril levava 4200 pessoas por hora e todos pareciam crianças à

solta, em que a gigantesca esfera bioclimática (22 metros de diâmetro) dava ares de um daqueles irresistíveis brinquedos para casa, em que as esplanadas junto ao Lago de Espanha eram porto seguro, em que a exuberância exótica dos turistas se casava para sempre com o imaginário mais austero dos europeus, em que a policromia mais gritante encaixava lindamente no dourado pôr do sol sevilhano, nesta Babel sem idade nem limites, respirava-se liberdade. Liberdade de criação e liberdade de fruição, sincero prazer de ficar maravilhado com os outros, de voltar a acreditar no génio humano, nas pessoas e nas coisas.
Também cala fundo, porque a ironia é visita lá de casa em Sevilha, o impagável entusiasmo hiperbólico com que o alcaide da cidade comentou a inauguração da Expo a que o rei Juan Carlos acabara de proceder. Disse Alejandro Marcos e era isso que havia a dizer: «Hoje começou o século XXI.» *Por supuesto!* E oxalá ele venha a ser assim.

O ESPECTÁCULO (A VIDA) CONTINUA

Chamar à Expo 92 «o maior espectáculo do mundo» era, nas vésperas do acontecimento, daqueles inevitáveis superlativos lugares-comuns cuja mais estranha característica é corresponderem à realidade. A programação cultural primava, em muitos casos, pela excelência, sendo até desculpável a *overdose* da oferta. Em 21 recintos – e 17 desses acabadinhos de construir – juntou-se (na Cartuja, em Sevilha e arredores) tudo o que era arte cénica, expressão musical e tendência artística.
Grandes orquestras sinfónicas, de *jazz*, de *salsa* ou samba, famosíssimas companhias de ópera e de teatro, vedetas para todos os gostos e feitios, estrelas de primeira grandeza canora, compositores, intérpretes e autores luminosos, danças étnicas e folclore exportável, *rock* e fado, *flamenco* e *sevillanas*, *ballet* clássico e vanguardista, canções românticas, espectáculos de rua diurnos e nocturnos, filmes clássicos, populares e de arte e ensaio, aparato conceptual e intimismo,



um ecrã de televisão com a altura de oito andares e tudo o que nesse mastodôntico *Jumbotron* passou, estreias coreográficas, *performances, happenings,* pompa e infinda variedade, animação de rua constante e bailes espontâneos, o dia e noite como festivais absolutos, e o dia começava logo às nove e ia abrasando tarde dentro até que a noite viesse, cúmplice, e rompesse madrugada fora até às quatro quando as portas se fechavam, mas não os corpos e os corações. Citar um nome, dois nomes, cem nomes, dos grandes ou médios ou ainda maiores artistas? Citá-los todos? Nenhum? Com que critérios e com que fundamento?

O que há a dizer é que Sevilha teve de tudo, que cada nação fez questão de se mostrar à altura das outras e Espanha à altura de si própria, nobre, generosa, em arte viva.

Por uma vez, de há largos anos, uma Exposição deste tipo abdicou das atracções do tipo Luna Parque e com razão o fez, pois toda ela era espectáculo e com ela a cidade e as pessoas.

Quanto às artes plásticas, para lá das muitas obras contemporâneas espalhadas por todo o recinto, houve mais de 30 exposições de 32 países (estamos no berço de Velázquez e Murillo, não é?), videomontagens, hologramas, desenho, fotografia e por aí fora, expostas à vez, no Pavilhão das Artes. Outra festa na Festa.

Bem pode vir, como cinco anos depois veio, em Novembro de 1997, o presidente do Tribunal de Contas de Espanha revelar que afinal alguém fez mal as ditas contas, que fraudes não houve, nem roubos, mas que afinal a Expo 92 teve prejuízos à volta de 50 milhões de contos(!) e que as receitas dos espectáculos só cobriram 10 % dos respectivos custos e que agora é que vão ser elas.

Essa «via dolorosa» do dia seguinte não empana, já não tira nada ao prazer dos muitos milhões que frequentaram a Expo (41 milhões de entradas, 68 % dos quais espanhóis). Terá havido excesso de optimismo, erros de cálculo e de gestão? Mas, dada a euforia que então se vivia, quem os não cometeria? Será fatal isso da «grande nau, grande tormenta»?

A verdade é que a Expo foi, tudo aquilo foi um acto de coragem, de visão e risco, um acto que – nem tão abusivamente quanto isso – poderíamos supor da mesma estirpe que a ousadia das caravelas quinhentistas (os funcionários chamar-lhe-iam, ontem como hoje, cegueira suicida), foi um belo acto de voluntarismo – voltemos a Antonio Machado – a crença profunda de que «não há caminho, o caminho faz-se a andar». No deitar contas à vida é a vida que conta. A arte e a vida, Sevilha 92.



Sevilha, sempre em festa

SEVILHA E ARTES QUE TEM

A cidade que repousa nos braços do Guadalquivir enfileira, com garbo, a pequena lista daqueles raros locais míticos que sobreaqueceram o génio criativo de artistas de todas as épocas. Só *óperas* são mais de 25 as que foram compostas tomando Sevilha por tema, pretexto e cenário. Compositores que nunca, mas nunca, visitaram Espanha, como Mozart, Bizet, Verdi ou Wagner, não sentiram engulhos de qualquer espécie em situar obras suas, e obras-primas, na cidade sonhada de longe.

Diz Manuel Ferrand, em 1990: «Sevilha é o cenário arquetípico do desejo, do exotismo, do pitoresco, vaga referência do ideal, do que está fora do tempo e do espaço, como a própria Ópera.»

Palco propício à encenação da paixão, do mistério, de mil aventuras, com suas mantilhas, leques e castanholas, com seus toureiros e o cheiro a sangue no ar, Sevilha era igualmente o sítio exacto para, subido o pano de cena, fazer passar as ideias de crítica e sátira social na Europa pré-revolucionária oitocentista: *As Bodas de Fígaro* estreia em Viena em 1786, nas vésperas do ano decisivo de 1789. Ao longo dos sete meses que durou a Expo 92, lá estiveram elas no novíssimo Teatro de la Maestranza, nas vozes prometidas de Carreras, da Berganza, de Domingo e estrelas de semelhante fulgor, as óperas de Sevilha. Velhas de cem a duzentos anos, mas eternas porque geniais e «fora do tempo e do espaço», a Grande Arte à altura do Grande Instante. Esteve a *Carmen*, de Bizet (estreada em Paris a 7 de Março de 1816: «Uma praça de touros. À direita, a porta da fábrica de tabacos. À esquerda, o corpo da guarda...»); esteve *O Barbeiro de Sevilha* (música de Rossini, estreia em Roma a 20.2.816: "Deixem passar o *factotum* da cidade, deixem passar..."); e *As Bodas de Fígaro* (música de Mozart, première em Viena a 1 de Maio de 1786) e o *Don Juan* (do mesmo W. A. Mozart, de 29 de Outubro de 1787, em Praga) e *A Favorita* (estreia em Paris a 2 de Dezembro de 1840, com música de Donizetti) e o *Fidélio* (de Beethoven, primeira vez em Viena em 20 de Novembro de 1805) e mais, várias mais.

Nem é por acaso que a ópera se apoderou, universalizando-os, dos dois mitos maiores de Sevilha, mitos românticos de sedução, paixão e morte, Carmen e Don Juan. Numa cidade que é tórrida, sensualíssima, onde não custa cruzar realidade e ficção, e que convive tão à vontade com a medida e com a desmesura, ganharão os melómanos confessos em visitar a antiga Fábrica de Tabacos (1728-1771, o



maior edifício de Espanha depois do Escorial e do Palácio Real de Madrid, seja dito *en passant*) onde Carmen trabalhava e foi seduzida ou a praça de touros da Real Maestranza onde o amante a matou a golpes de navalha e desespero. Ou poderá, porque a lenda é vida, trautear na esteira das pisadas predadoras de Don Juan Tenorio à caça do pobre coração de Dona Inês e imaginar a cara dele ao ser visitado pelo terrível convidado de pedra (que também Pushkin pôs em drama, e Dargomyzski musicou e levou à cena na longínqua Sampetersburgo no ano longínquo de 1872).

Menos mitificada, mais próxima da realidade, mais rente ao Sul e comovente porque humana, entremos numa outra Sevilha, onde o fascínio é sentido de dentro, a marca secular da *palavra que cativa*. Antonio Machado, o precioso cultor da língua castelhana e que ali nasceu «numa noite de Julho de 1875, no célebre Palácio de Las Dueñas, na rua do mesmo nome» e que de lá saiu com oito anos, recorda, da infância, «um pátio de Sevilha/e um jardim luminoso onde amadurece o limoeiro...»

O mesmo é dizer, como outro ilustre desterrado da capital andaluza

(aos 18), o também grande poeta Gustavo Adolfo Becquer (1836-1870) que o sustentam «as recordações de tanta e tão ignorada e tranquila felicidade».

A perda do paraíso, o ter que estar fora dali, eis um estado de alma e contaminação que tocou ainda aos exilados Luis Cernuda (1902-1963) e a José Blanco White, que nas suas *Cartas de Espanha* reflecte de longe sobre o seu país e a partir dos costumes andaluzes.

Recuando no tempo que não no espírito, vemos no século XI, quando o Sul era mouro, o rei-poeta al-Mutamid (que também é nosso e está vertido no português de hoje) ser derrotado e exilado para a África do Norte, ele que é (com o neoclassicista Ibn Zaydun) o melhor artífice das letras muçulmanas na Península, e que nos deixa pungente lamento: «A minha alma já só deseja a morte/outro que enfrente a vida com grilhetas nos pés...»

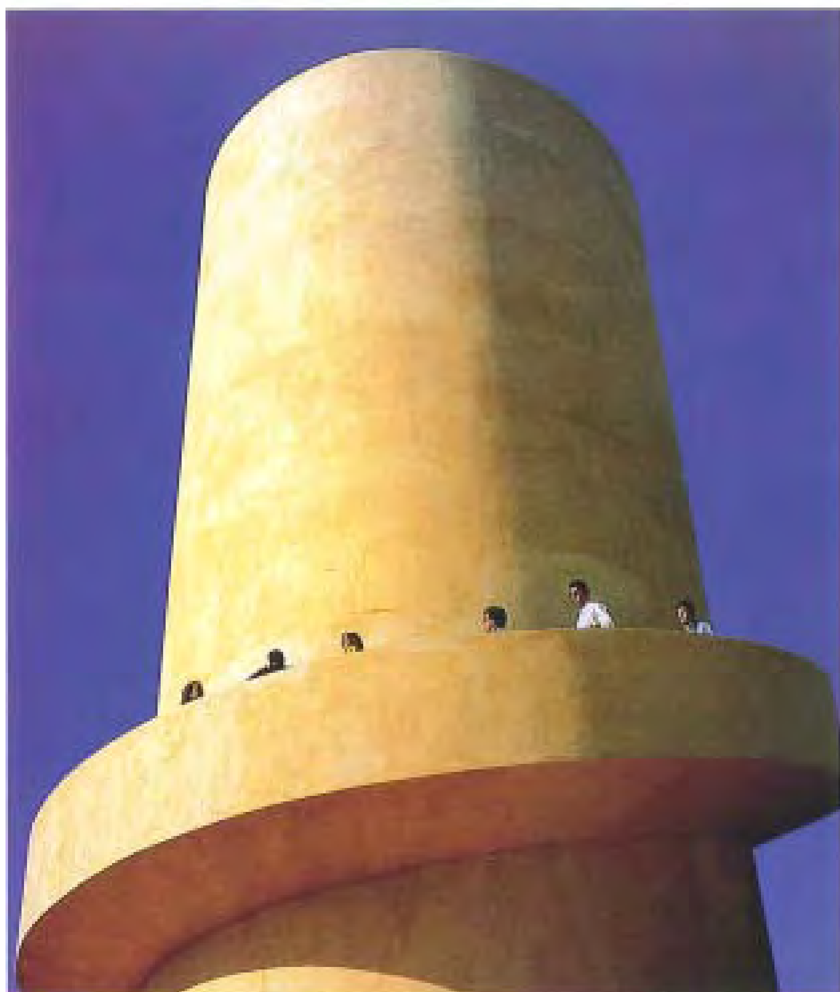
Tal desamparo, lado nocturno da alma, fica como a inevitável outra face da claridade ofuscante duma cidade-luz como Sevilha.

A mesma que Mateo Alemán (1547-1614) nos deu exuberantemente pícara em *Guzmán de Alfarache*, tal qual Miguel Cervantes (1547-1616) em *Rinconete y Cortadillo* (só que o autor de *Don Quijote* e das *Novelas Ejemplares* morreu na miséria).

Vista de fora para dentro, pelo diplomata e excelente poeta brasileiro João Cabral de Melo Neto, ela fica assim: «A cidade mais bem cortada que vi, Sevilha;/cidade que veste o homem/sobre medida.»

Entre a desmesura operática e a medida poética, conciliando-as, fica o coração sevilhano. Visível nos costumes, no emprego do tempo, na religião, ou nas danças ou nas corridas. *No viver com arte*. Sem pretender entrar no capítulo das comparações, tão aleatório quanto injusto mas por vezes conveniente, diríamos que ela aguenta o embate e com raça suplanta muitas das eventuais cidades concorrentes. Poder-se-ia mesmo dizer, glosando um feliz *slogan* turístico que, se «de Nova Iorque ninguém se cura», Sevilha cura tudo. Não pelo lado monumental (que, aliás, existe e impressiona) ou pelo cosmopolitismo ou pela pujança financeira ou pelo aparato cultural ou pela febre laboriosa, mas pela excepcional qualidade de ser uma cidade à escala humana. Feita à medida dos homens, cidade para servir corpo e alma.

A alma, e não só ela, exulta nos sete dias de catarse colectiva da *Semana Santa*. Ali vão todos, crentes ou não, forasteiros e indígenas, numa demonstração única de fervor barroco, ávidos de infinito cénico, no esplendor dos cortejos que implicam 45 mil protagonistas directos (nazarenos, *costaleros* – que levam às costas as imagens sacras –, *capataces* e músicos).



Chapéu não é, mas é de perder a cabeça

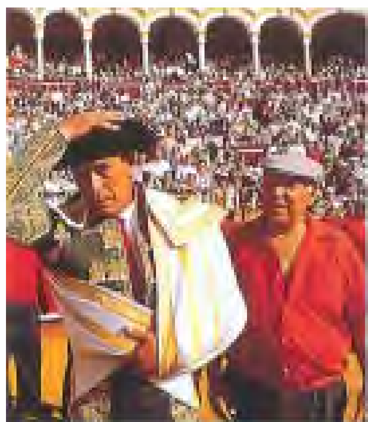
São mais de cem, as procissões, onde cada *Hermandad* carrega imagens da Virgem e de Cristo e recria um mistério da Paixão, e é vê-los atravessar a Ponte de Isabel II, desde Triana até à Catedral, e é ouvir o canto dos *saeteros* e admirar os pontiagudos, inquietantes capuzes dos nazarenos, os desfiles das *cofradías* do Calvário, da Macarena ou da Esperança.
Em 1992 a Semana Santa quase coincidiu com a feitura da Expo e, ao calor sufocante diurno ou na suavidade perfumada nocturna, de novo se repetiu – como de há 400 anos para cá – o prodígio de uma religiosidade sã, que ultrapassa a mortificação beata para se transformar num hino aos mistérios da vida e morte, e novamente vieram à rua os ícones de madeira dos séculos XVI, XVII e XVIII e essa celebração é carne e espírito da cidade.

Uma semana depois, a 28 de Abril, o corpo vem reclamar os seus direitos na *Feira de Abril*, complementar mas não antagónica da Semana Santa.

A Feira é uma liturgia do corpo e do desejo, não uma bacanal de embriaguez e sexo, antes um altar profano às delícias do olhar, aos prazeres das tertúlias omnipresentes, à beleza das mulheres e homens que capricham na graça ímpar dos trajes típicos a rigor, às danças e à música que invadem todos e são a marca indelével do gozo e da leveza, da elegância inata desse povo.

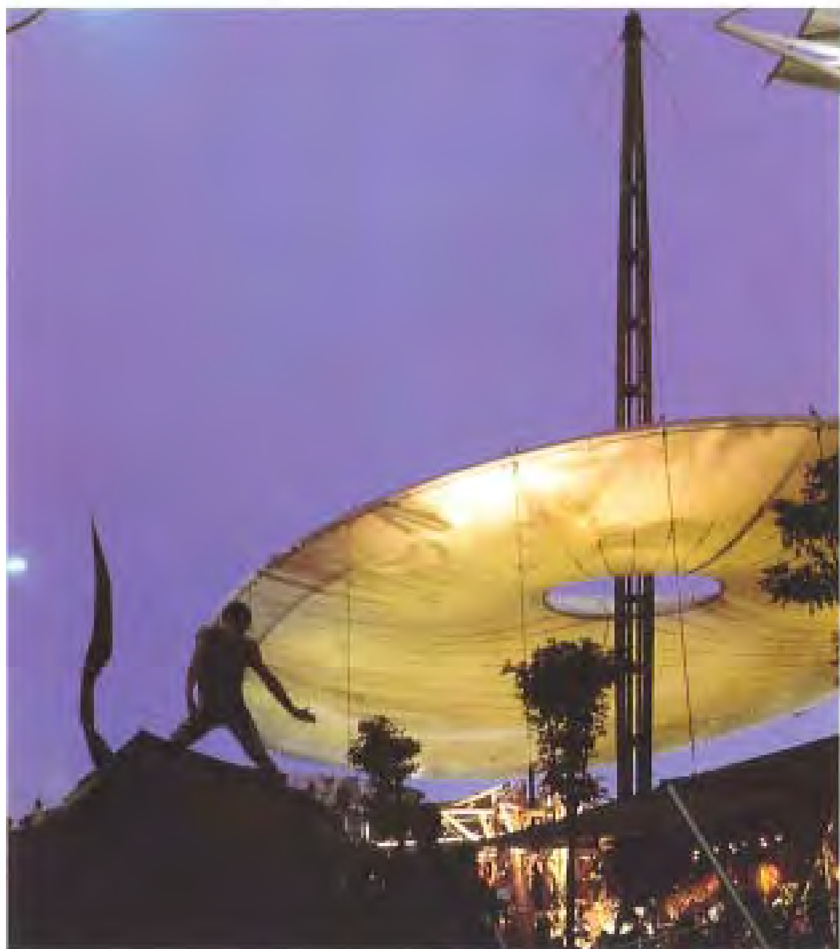
Ortega y Gasset reconhecia que «ao andaluz apraz dar-se em espectáculo aos estranhos» e essa dádiva é um dom, a generosidade da beleza pela beleza, e a ela devemos chamar, com propriedade, o *prazer de ser*.

Um prazer solar, do Sul, que os leva noite dentro, pela fresca amenidade das noites, a bebericar vinho e *manzanilla* nas esplanadas junto ao Guadalquivir e a acampar horas a fio frente a pratos de *tapas* e irresistíveis fritadas de peixe – *pescaítos fritos* – nos bares dos bairros velhos (é obrigatória, por devoção ao prazer dos sentidos, uma visita ao *Rinconcillo*, um bar de *tapas* atrás do Palácio de Las Dueñas, na Macarena, e que data de 1670).



Claro que o clima ajuda à sensualidade envolvente, as tais 2800 horas anuais de sol frontal, impiedoso, esse convite irrecusável à *siesta* («ioga ibérico», lhe chamou Camilo José Cela) e há uma matriz genética cigana, cortesã e árabe («a raça moura, essa velha amiga do sol», na palavra certa de Antonio Machado) em toda essa descarada liturgia do corpo, que se prolonga na fixação dos sevilhanos *à dança e ao canto*.

Flamenco, cante jondo, sevillanas, guitarras, castanholas, os bailes, as tunas, os festivais e os *tablaos* inumeráveis, os vestidos flamejantes das mulheres e a esbelteza viril dos homens, a raça em botão das crianças, tudo aquilo é único, sentido, autêntico mesmo quando folclore turístico. E aos exímios cultores dessas artes, a Antonio Mairena, a Marifé de Triana, a Camarón de la Isla, a Tomatito, a tantos outros, eles dedicam uma devoção perfeitamente compreensível. Essa é que é a *gente guapa*, para quem a vida é festa. Não uma farra desbragada, carnavalesca, mas um ritual de sedução e donaire onde



Leveza e arte, sinónimos

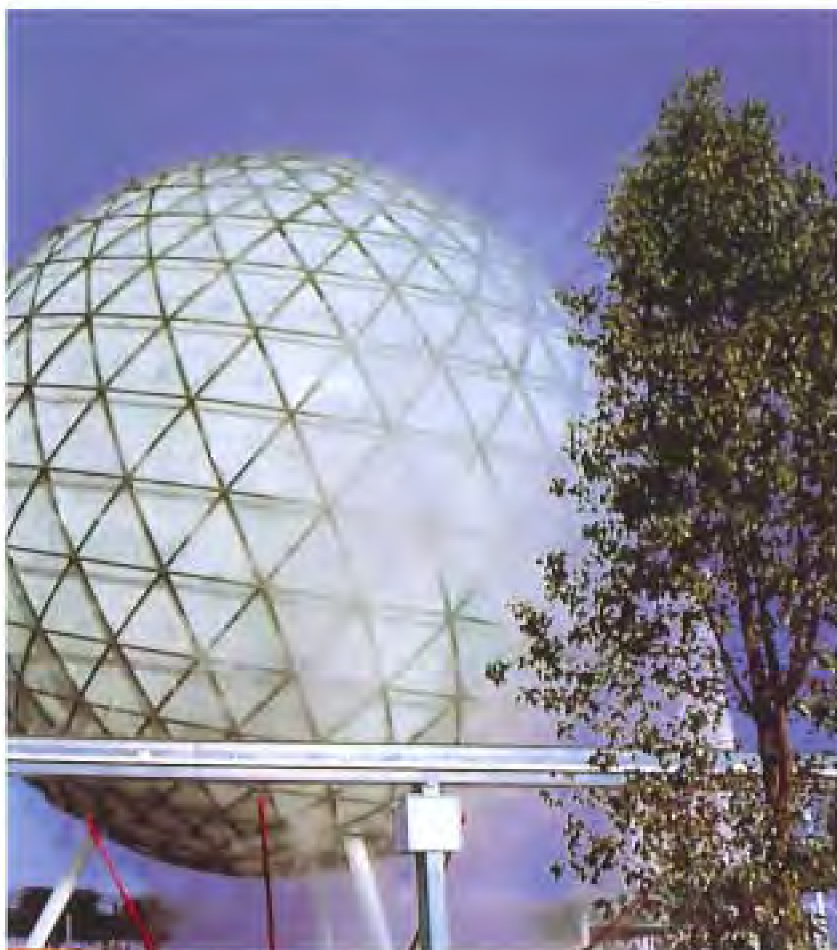
encaixa que nem luva o respeito supremo pela coragem e pela morte. *Uma corrida de touros* na Real Maestranza será assim, no mínimo, uma coisa muito séria. A temporada taurina ocorre entre Abril e Outubro e os aficionados não perdem as corridas principais ao longo da Feira de Abril, das Festas do Corpo de Cristo e da Virgem dos Reis.

O que ali se passa na arena é mais do que a luta entre destreza e força, mais do que um duelo de imprevisível desfecho, do que um espectáculo gratuito e bárbaro. Aquilo é um templo e a *faena* uma sagração aos limites do humano e da nobreza animal. O famoso silêncio com que seguem os lances de muleta é tão idêntico e reverencial como o silêncio que preside aos grandes ofícios religiosos ou às superiores manifestações de Arte, como aliás essa indubitavelmente o é.

Aquilo que na Praça se passa, chega a ser a sublime suspensão do tempo e todos à volta parecem dançar no fio da navalha duma peça trágica, em que de repente o matador pode acabar morto, em que o gesto fino e amplo do *diestro* pode terminar desfeito em sangue e dor. Mas aquilo que no círculo de pó se passa é também uma história moral, tão antiga como a ancestral primeira vez em que o homem precisou de dominar o medo para caminhar direito à vida e aos deuses. É um exorcismo partilhado em que todos se põem à prova, um exercício jubiloso de desafio, aquilo é uma missa sacrificial, humaníssima. Daí os sevilhanos elegerem como heróis aos raros que conseguem sair em ombros pela Porta do Príncipe e magnificam as façanhas de *matadores* como Joselito, Curro Romero, Paquirri ou o emblemático filho da cidade, esse saudoso Juan Belmonte que recordam em estátua ao pé da Puente de Triana e de quem Manuel Chaves Nogales traçou uma exacta e justa biografia.
Estas são artes que Sevilha tem e que exemplarmente conjugam o sagrado e o profano, a leveza e a gravidade, a voz e o silêncio, a exaltação simultânea da vida e da morte, do excesso e da medida. Uma cidade que é alimento para a alma dos homens, património de quem queira ser humano.

A PÉ OU DE QUALQUER MODO

A Sevilha que salta à vista e entra pelos olhos dentro, multissecular e multicultural, opulenta ou grácil, excessiva ou preciosista, feérica e secreta, que vem nos roteiros turísticos e arrasta multidões, essa jóia bética consegue a raridade de ser monumental sem esmagar quem a visita. Mesmo a Catedral, sendo o maior templo espanhol e uma imensa proeza gótica onde avultam austeros quadros de Murillo e de Zurbarán, mesmo ela respira alguma leveza na sua gravidade de pedra.
Tudo o que na cidade roça a pomposidade soturna e grandiloquente é como que compensado por uma indefinível ligeireza, assim fosse um matador evitando fácil e à justa a investida brutal do touro. Sobe-se os 97 metros da *Giralda*, chega-se lá acima zonzos e com língua de fora e é como se a ascensão limpasse as pernas do sarro quotidiano, como se os 800 anos daquelas rampas (o minarete é de 1184, mas não se diga «minarete» que é galicismo e prefira-se a muito mais correcta, portuguesa – e árabe – palavra «almenara» para significar o que a Giralda sempre foi) fossem elixir da juventude.



Redonda, com pés na Terra

Do melhor que Sevilha tem é isso: ali ninguém se sente pequeno, coibido, encostado a um presente chocho, e o proverbial nanismo dos basbaques não é sequer caricaturável, integra-se na magnificência geral, faz parte. Em Sevilha fazemos parte de Sevilha. É óptimo. Sociólogos, urbanistas, outros génios cartesianos procurarão razões: climáticas, socioculturais, osmose civilizacional, seja o que for. O que o sítio nos dirá, ou só dirá a quem merecer, é que Sevilha se abre e oferece como flor que é.

Ali há que pensar com elegância, agir com delicadeza, passear com respeito. Vai-se ao *Arquivo das Índias* e espreita-se o *Diário* de Colombo ou o *Mapa-múndi* de Juan de la Cosa, corre-se ao *Museu de Arqueologia* e fica uma pessoa hipnotizada pelo *Carambolo* (21 jóias e peças de ouro com três quilos), a seguir pode até passar-nos pela cabeça apanhar um *coche de punto* e aflorar os *Reales Alcázares* e sua

herança mourisca, cirandar pelo *Parque Maria Luísa* e respirar a frescura dos repuxos e das verduras, desembocar na policromia festiva da *Praça de Espanha*, e vai-se aqui e ali, à célebre *Fábrica de Tabacos* (que foi da Carmen e hoje é da Universidade), ao mui típico *Hotel Afonso XIII*, e pode-se gostar mas não perceber nada. Se tal acontecer, uma de duas: ou é melhor regressar a penates de mala aviada, ou há que esquecer a obrigatoriedade, aquilo que se impõe não perder, e deixar-se ir.

A pé, suando e arfando sob a canícula andaluza ou acoitando-se à espera da noite balsâmica. Ao passear, perceba-se que o tempo ali não conta. Seja flanando pela borbulhante, comercial Rua *Sierpes*, estacando no bar *La Giralda* por amor às *tapas*, molhando o rosto nas fontes salvadoras, espreitando o *Museu das Artes e Costumes* por causa dos atavios com que a cidade adora adornar-se e, já agora, dando um pulinho à *Cadeia Real* onde Cervantes foi encafuado. Sobretudo tenha-se os olhos, os ouvidos e as narinas bem abertos para absorver o espírito do lugar, o verdadeiro sentido da paradoxal coexistência das raízes romanas, mouras, ciganas, judias, cristãs, que nem sempre foi pacífico, como é bem sabido.

A pé iremos ainda às zonas mais típicas, cheirando vetustas sinagogas do antigo bairro judeu de *Santa Cruz*, e depois rumando à *Macarena* da venerada Virgem homónima, para em seguida aportar à margem esquerda do Guadalquivir onde se aconselha um saltinho à *Torre de Ouro* (árabe, de 1220 e que só no nome é de ouro) e à praça de touros da *Real Maestranza*, em dia de corrida ou para saborear os bares à volta.

Finalmente, *Triana*, bairro com sabor a mar, com a recordação dos tempos heróicos em que Sevilha foi «porto e porta da América». No fundo, tudo isto consta dos guias turísticos correntes, mais uma infinidade de igrejas de vários credos (é de ir ao *Jesús del Gran Poder*) e conservados palácios (por exemplo o de *Lebrija* e o de *las Dueñas*), ou casas senhoriais de altivo porte (opte-se pela *Casa de Pilatos*), como constam pátios floridos, recantos mimosos, pormenores deliciosos.

O que os guias podiam fazer era dar liberdade às pessoas, ensiná-las a usar Sevilha como se usa o próprio corpo.

E depois há outra coisa: o futuro. Ver como a cidade cortada à medida irá coabitar com a injecção de modernidade que a Expo 92 significou e como será capaz de harmonizar as raízes antigas e a humanidade de um modo de viver único com as pressões de um aceleramento da História. Convirá não esquecer que nasceu de raiz uma nova Sevilha a par da outra, que era velhota, romântica e barroca e



que acordou futurista, projectada para os dias de amanhã, na esperança de novo fôlego, um novo renascimento. Oxalá que sim. Sevilha merece e o mundo agradece.

RAÍZES E ALGUNS FRUTOS

Como qualquer metrópole que se preze, Sevilha não foi de modas e mergulhou a sua genealogia na bruma da mitologia: Hércules teria sido o pai fundador da urbe (vá lá saber-se quando e como).
Certo é que, romana, Júlio César a baptizou como *Hispalis Julia Romula*, ela que pelos séculos a vir iria responder pelos nomes de Ishbilia, Siviglia, Séville, antes de ficar muito bem como está. Foi centro cultural na época visigoda, foi capital por mais de 500 anos do reino de al-Andalus, e harmonizou após a Reconquista as culturas dos cristãos dominantes, dos judeus remetidos para os actuais bair-

ros de Santa Cruz e São Bartolomeu e dos mouros do Ardevejo de los Moros.

Continuou na mó de cima durante os séculos XVI e XVII, berço e trampolim para novos mundos, cosmopolita e próspera, mercantil e babélica, píncaros donde se despenharia quando viu fugir-lhe o monopólio comercial com as colónias por entre os dedos no século XVIII. Seguem-se tempos difíceis, a indigesta nostalgia das glórias transactas e ei-la que se transfigura, de sujeito activo em objecto passivo do fervor romântico, reduzida a cenário de novelas exóticas e óperas efervescentes. Talvez não se lhe possa chamar, com inteira propriedade, decadência. Talvez tenha antes sido uma mudança de pele, uma humanização que se confunde com a humildade que dá nas cidades fantasmas. Um ocaso, um sossegar, um repouso outonal. Ou talvez pudor, sabedoria meridional.

Vamos deixá-la assim, numa curta *siesta* de dois séculos (com o sobressalto trágico do terramoto de 1755) e vamos vê-la acordar no início do século XX, quando o velho brilho refulge e Sevilha se torna «capital mundial da poesia», de acordo com a opinião responsável de Juan Ramón Jimenez. Um renascer, artístico e cultural, de orgulho regionalista, que contribuiu para e beneficiou da Expo Ibero-Americana de 29.

Parêntesis: esta de 1929, inaugurada a 9 de Maio (e pouco depois de tudo ter ficado embasbacado com a aparição do grande *Zeppelin* nos céus da cidade) só teve participação de 20 países, mas muito daquilo que hoje é imagem de marca da capital andaluza vem dessa altura: o rigor arquitectónico, o preciosismo regionalista visível no Bairro de Santa Cruz ou no Parque Maria Luísa, a perene memória de pedra da Praça de Espanha, o Teatro Lope de Vega, o assumir das heranças culturais nos pavilhões Real e Mudéjar.

Para a pequena história (e há quem sustente que esta é que conta) fique aqui o nome de Angel Martinez Tarin, um químico que em 1992 tinha a bonita idade de 86 anos e justamente se orgulhava de ter visitado com assiduidade a Expo de 29 usando o cartão de ingresso n.º 1, qualidade e condição que viu ser-lhe mantidas na Expo 92 e isto é um pormenor sintomático da nobre elegância de um povo.

A década de trinta, por pirraça cruel da História, vai precipitar Sevilha e toda a Espanha no eclipse sangrento da Guerra Civil. Adeus ilusões de renascimento, olá dura dureza da realidade.

Aceleremos, piedosamente, até à década de sessenta, onde se nos oferece a surpresa desagradável do desenvolvimento especulativo, o camartelo feito rei da rua. Sevilha perdia alma e todos com ela.

Houve que esperar, cheios de paciência, impacientemente, pela res-



tauração da Democracia, para que a cidade harmonizasse conservação e progresso, os quais, como muito bem se sabe, amiúde parecem figadais irmãos inimigos. A passos largos o passado próximo aproxima-se do presente já passado e, para ir direito ao alvo, em 1976 o rei Juan Carlos toma a iniciativa pessoal, que entende como projecto de Estado, de candidatar Sevilha à realização da Expo 92.

Lançados os dados, com a parada muito alta, a pérola do Sul recomeçou a sonhar com um novo nascimento (a que, por tudo e mais alguma coisa, se sentia com direito). Tal como a Expo 29 a colocara (ao que se diz) no século XX, à de 1992 não se poderia pedir menos do que atirar Sevilha para a terra prometida do século XXI, esse mirífico paraíso a vir onde a Ciência e a Tecnologia vestem as roupagens cativantes de Anjo Anunciador duma nova Idade de Ouro. Sementes na terra, venham os frutos.

PORTUGAL E SEVILHA: EM 1929, EM 1992

Em 1929 Espanha acolhe simultaneamente duas Exposições Internacionais: uma na Catalunha, outra na Andaluzia, e Portugal foi, além dos anfitriões, o único país a participar em ambas, na Internacional de Barcelona e na Ibero-Americana de Sevilha.

Viria a ser uma participação desigual e, curiosamente, não por declarada escassez de recursos ou por carências logísticas ou lonjuras de outra espécie, mas por motivos que diríamos ideológicos, opções políticas de fundo.

Enquanto a Mostra a norte se pretendia vocacionada para uma Europa urbana e aberta à industrialização, já o certame do Sul se inclinou decididamente para o universo colonial, isso numa cidade que ainda se apresentava mais rural que metropolitana, se assim é lícito dizer.
É facto que a indústria nacional se fez representar junto dos catalães por 162 expositores e que lá estiveram quadros e estátuas de artistas recomendáveis como Carlos Reis, António Carneiro ou Columbano. Nada, no entanto, que pudesse ombrear com a ambição local de a sua capital ser mostruário da modernidade e berço do progresso. Mas, para Sevilha o caso mudou de figura e a comitiva lusitana marchou, numa citação *a anteriori*, «rapidamente e em força» rumo a terras do Guadalquivir (Salazar é, desde há um ano, ministro das Finanças, e nesse 1928-1929 as contas públicas apresentam equilíbrio orçamental pela primeira vez em 75 anos).
E assim marcharam o paquete *João Belo* e três hidroaviões carregados de portugueses para a inauguração oficial. Coisa de pompa, como é norma e uso, e onde naturalmente luziram o rei Afonso XIII e a esposa rainha Vitória, o chefe do governo general Primo de Rivera e muitos Grandes de Espanha. Visitaram com manifesto agrado o nosso pavilhão (projecto dos irmãos Rebelo de Andrade, feito em 357 dias e que hoje ainda é o nosso consulado em Sevilha), detendo-se com interesse e demora no Salão das Colónias (onde brilhavam diamantes de Angola e um comboio-miniatura da Companhia do Caminho de Ferro de Benguela). Pararam na Sala do Comércio e Indústria, junto aos mármores, azulejos, tapetes raros, aos vinhos do Porto e aos apetrechos náuticos, perante o olhar orgulhoso do ministro português dos Estrangeiros.
A imprensa da época regista o evento com aquela soma de pormenores que costuma fazer as delícias da posteridade e percebe-se bem porquê: tendo em comum o interesse e a preocupação pelo futuro das respectivas colónias, Lisboa e Madrid não escondiam as suas preferências e faziam por mostrá-las.
Nem, de resto, António Ferro o fazia, ele que nessa altura tirocinava para mais altos voos como jornalista no *Diário de Notícias* e ainda não sonhava (ou talvez já) vir a ser o braço cultural do Estado Novo. De coração desfraldado e pena arrojada, Ferro crismava Barcelona de «a cidade infinita de Espanha» e é irresistível recordar as suas prosas de enviado especial à abertura da Mostra catalã no modo como compara aquilo que não tinha comparação possível. *DN*, 21.5.29: «A exposição de Sevilha, pelas atitudes que lhe



conheço, deve ser uma exposição mulher, algo de cigana e bailadeira, corpo e imaginação de Xherazade, romantismo e volúpia, o banco dos namorados e o banho da sultana. A exposição de Barcelona, ao contrário, é uma exposição máscula, severa, americanizada, os doze trabalhos de Hércules. A Praça da Catalunha tem um leque nas mãos, o leque da velha Praça de Touros. Chama-se Arenas de Barcelona, perfume da Andaluzia que chegou ali sem se saber porquê...»

Sem sabermos porquê, os anos passaram, e em 1992 colónias era chão ibérico que tinha dado uvas. O desígnio comum a Lisboa e Madrid passava agora pelo novo Eldorado europeu e pela celebração dum passado em que ambas haviam realmente dado cartas ao Mundo. Daí que o texto original do Tratado de Tordesilhas tenha tido o lugar de realce que teve no *Pavilhão Português*.

De forma semielíptica, desmontável, concebido pelos arquitectos Manuel Graça Dias e Egas José Vieira, o edifício continua em Sevilha, tem cinco andares e os seus dois corpos estão unidos por um pátio de vidro.

Luminosidade e sobriedade foram qualidades unanimemente reconhecidas a um espaço que vozes reticentes acharam demasiado silencioso, talvez porque muito do recheio fosse constituído por livros e reproduções documentais históricas (mas dois milhões de pessoas tê-lo-ão visitado).
Faria Paulino, director do pavilhão e que o frequentou diariamente durante sete meses, acentua que, para lá das linhas temáticas que presidiam à mostra nacional (identidade e formação da Nacionalidade, Descobrimentos e Portugal como mediador entre povos, expansão da Língua – 200 milhões a falá-la – e a situação passada, presente e futura de Portugal no mundo), para lá de tais objectivos programáticos, houve a preocupação de tornar o nosso país familiar aos sevilhanos e aos milhões de visitantes da Expo, fazendo da representação «uma embaixada cultural que aproveitasse ao máximo a proximidade e a oportunidade e desse de nós uma imagem de organização e capacidade».
Foi por isso que a presença portuguesa se começou a notar muito antes da Expo. Ao longo da Feira assistiu-se a uma reconstituição da embaixada que D. Manuel I enviou ao papa (550 figurantes, 90 cavaleiros da GNR, um elefante, uma onça, macacos, etc.) e a um cortejo de sete mil jovens, mobilizados por 220 autarquias do país inteiro, e que percorreram o recinto, no dia comemorativo de Portugal, ao som de bandas de música e esse foi o dia em que o certame registou mais ingressos (750 mil). Estávamos no mapa e no coração de Sevilha.
Faria Paulino cita o facto curioso de o andor de Triana ter sido decorado com orquídeas da Madeira como demonstrativo de que se conseguiu «meter Portugal na vida de Sevilha», tal como recorda o desfile de 111 barcos portugueses – incluindo uma fragata – que subiram o Guadalquivir até à cidade e todas essas iniciativas recolheram os maiores encómios e repercussão.
De lamentar que não tenha sido possível realizar a corrida à portuguesa e o festival de arte equestre, mas a peste equina não escolhe datas. Quanto à restante programação, mais corrente, ela dividiu-se por qualquer coisa como 80 espectáculos diferentes, filmes e concertos, teatro e recitais, fados e *jazz*, exposições variadas. Não custa assim reconhecer o saldo francamente positivo da participação portuguesa na Andaluzia em 1992, atendendo ainda ao facto de a Expo seguinte nos ter calhado a nós. Nós que em Sevilha obedecíamos ao lema *uma aventura de séculos para inventar o futuro* e eis que o futuro já aí está para mergulharmos nele.

A 20 de Abril de 1992 era desmantelada, nos Estados Unidos, uma rede de piratas informáticos com mais de mil pessoas, na sua maioria adolescentes, e que causaram prejuízos de milhões de dólares; 500 milhões de espectadores na televisão, 72 mil em Wembley na homenagem ao ex-vocalista dos Queen, Freddie Mercury, morto de sida aos 45 anos; o britânico *The Guardian* escreve que o KGB tentou envenenar o escritor soviético dissidente Soljenitsyne em 1971; a guerra prossegue na Bósnia (mais cinco mortos) e operações anti-curdos provocam na Turquia 56 vítimas; em Macau, falecimento de Carlos Assumpção, presidente da Assembleia Legislativa e segunda figura política do território. Os chineses chamavam-lhe *Tai Pan* («grande homem»); em Lisboa, proibida manifestação da polícia no Terreiro do Paço; *em Sevilha* estão 30 graus centígrados, ouve-se o repicar de 38 sinos, o estrondear de fogo-de-artifício e no céu azul sobem 140 balões e cinco mil pombos. Passam 15 minutos das 12 horas e, perante 1800 convidados especiais, o rei Juan Carlos dá por aberta a Expo 92. O rei discursa e diz que a Expo integra «o melhor



que a Espanha tem para mostrar» e que, pela dimensão, número de participantes e qualidade da programação e dos conteúdos é «a maior exposição da História». Juan Carlos acrescenta que na Expo estará patente a diversidade e riqueza das culturas criadas pelo Homem, tal como a capacidade inovadora do ser humano, mas igualmente a tolerância, respeito pela pluralidade e solidariedade internacional.

Todos à volta, e são muitos, saboreiam a ocasião histórica e talvez não seja difícil imaginar muita gente a esfregar os olhos de incredulidade mal contida.

Duzentas mil pessoas haveriam de repetir o gesto ao longo desse primeiro dia («mira! mira!»), arregalando olhos para a vespertina *Cavalgata* (14 carros e 300 participantes em desfile surpreendente), para os pavilhões aerodinâmicos e tudo era coisa de espantar e a

maré humana foi-se apoderando avidamente de tudo o que havia para ver, visitar e ouvir, e houve quem não perdesse o *Quijote*, de Orson Welles, no ultramoderno cinema do recinto, nem a capitosa cantora Martika no espaço Sony, nem a *salsa* entusiasmante de Célia Cruz e Tito Puente no Auditório, nem o espectáculo de som e luz no Lago de Espanha, ou a peça *La Gallarda*, de Alberti, proibida durante 40 anos e que Ana Belén e Montserrat Caballé interpretavam no Teatro Central Hispano e depois surgiu o programa (repetido em 60 televisões mundiais) *Sevilla Sevilla*, 58 minutos trepidantes de ritmo e cor apresentados por Antonio Banderas e Carmen Maura, e no Teatro de la Maestranza a voz de Teresa Berganza ressuscitava *Carmen* e um testemunho de Stephen Hawking surgia nos ecrãs e dizia: «o nosso poder aumenta mais depressa que a nossa sabedoria», mas o aviso caía em saco roto pois o flamenco de Camarón de la Isla varreu a noite e o fogo-de-artifício reforçou a sensação de irrealidade daquela primeira noite e o primeiro dia acabava em glória e muitos outros passaram e quase sete meses depois, sem darmos por isso, como num sonho, a Expo suspendia a respiração porque tinha chegado AO ÚLTIMO DIA...



A 12 de Outubro de 1992 os astronautas do *Endeavour* ficavam tristes pois não conseguiram fazer levedar o pão que tentavam fabricar no espaço; em Weimar, Alemanha, eram roubados oito quadros do Museu Cranach avaliados em 5 milhões e 760 mil contos; um sismo no Cairo causava 145 mortos e dois mil feridos; o Irão queria voluntários para combaterem na Bósnia-Herzegovina; Angola permanecia instável, com a UNITA a recusar o resultado das eleições; o XIV Congresso do PC Chinês lançava um viva à economia de mercado; o Nobel da Medicina contemplava dois americanos por trabalhos feitos há 40 anos e que permitiam entender melhor a vida e morte das células; as reservas das albufeiras portuguesas não iam além dos 17 %; a SIC chegava aos 20 % na sua primeira semana de vida, a RTP ultrapassava os 60 %; o Santuário de Fátima apresentava o primeiro volume de documentos sobre as aparições na Cova da Iria com os interrogatórios aos três videntes; Roberto Marinho, da Globo, era eleito Homem do Ano no *Mipcom* de Cannes (mercado de filmes e programas de televisão); nos Estados Unidos uma mulher recebia o

fígado de um porco, até que fosse encontrado um fígado humano que lhe servisse; na Ópera Metropolitana de Nova Iorque, o *MET*, Philip Glass apresentava a peça *The Voyage*, assinalando o V centenário da chegada de Colombo à América; em Espanha um grupo de artistas, escritores e arquitectos lançava uma campanha pela beatificação de Antoní Gaudi, o criador catalão da *Sagrada Família* em Barcelona; na República Dominicana o papa evocava a primeira missa celebrada no Novo Mundo enquanto no Velho, em Sevilha, a Expo 92 dizia adeus ao mundo.
Um forte dispositivo de segurança rodeava a ida do rei Juan Carlos para encerrar a Festa e o dia foi cheio de concertos para todos os gostos, pirotecnia de maravilhar, espectáculos de rua, bandas de música e animação sem fim, a que não podia faltar o condimento da nostalgia sempre presente à hora da partida.
O comissário-geral Emílio Cassinello falou da «arquitectura do sonho», do «projecto mais atrevido da História recente espanhola» e de como tudo tinha valido a pena.
Felipe González, sevilhano de origem e chefe de governo na circunstância, disse ter sido «cumprido o objectivo de apresentar uma imagem moderna do país» e mostrou-se convencido de que os seus compatriotas tinham recuperado a confiança neles próprios. A Expo 92, com uma dorzinha de melancolia, acabava o último dia e ninguém queria pensar nisso. *Adios y hasta siempre.* Que viva Sevilha!

SEVILHA E MAIS NADA

Vimos como, independentemente do alvoroço provocado pela Expo 92, para lá dos anseios ou ilusões de nova Idade de Ouro, das contrariedades não programadas, Sevilha ficou viva e se calhar igual ao que sempre foi.
Ficar viva significa não perder a alma. Porque ela sempre foi terra de paixões é que resolvemos, assente a poeira expositiva, procurar alguns testemunhos que possam presencialmente ilustrar – sem esgotar o tema – devoções inteiras desse povo.
A ligação ao divino, as manifestações religiosas, têm ali características especiais, como na Semana Santa ou na curiosíssima romaria do Rocio.
Jorge Castro Freire cumpriu a romaria da Virgem do Rocio em 1994, arrastado por um amigo espanhol residente em Lisboa e que todos os anos se péla por aquele ritual único.



Expo'92: Sevilha que brilha



O menos que se pode garantir é que não deu por mal empregues os três dias a cavalo e as concomitantes, hípicas, dores nos rins. Conta que o seu grupo, ou irmandade, comportava umas 60 pessoas de todas as idades (excepto crianças), metade a cavalo e metade em carroças (mas há quem o faça a pé).

Esses três dias a fazer o quê? A dançar, cantar, beber e comer. Uns romeiros faceiros é o que é...

Haviam-se juntado por alturas da mítica Sanlúcar de Barrameda (mítica porque gloriosamente náutica – de lá partiram Colombo, Magalhães e Elcano – e por ser pátria dessa bebida dos homens que é a *manzanilla*). Já bem bebidos, como é de regra, meteram-se às veredas da fé cantante e ala, rumo a esse pólo de devoção mariana que é a localidade de Almonte, que as línguas profanas dizem mais parecer uma cidade do Oeste americano atacada pela febre do ouro do que um centro de culto espiritual.

Foram três dias para 30 quilómetros e, tal como outros dois milhões de peregrinos idos de toda a Espanha, foram dias inesquecíveis de alegria partilhada.

Não é ali lugar para mortificações, mas para ascensões terrenas ao compasso de *sevillanas* e a toque de tinto, de *jerez* e *manzanilla*.

Estreante nestas andanças o nosso compatriota foi, como tal, baptizado: ovos pela cabeça abaixo e já estás. Mas não se queixa, – nem dos 100 contos em que lhe ficaram os três dias, longe disso. E a cantar e a beber, que a vida são três dias, lá arribaram à repleta Almonte, onde o desfile das irmandades e as missas campais de manhã à noite intercalam com omnipresente saracoteio das *sevillanas*. É uma fé com pés que dançam, uma festa interclassista, mais autêntica que turística, e a Virgem passeada aos ombros é uma *paloma blanca* que dá asas, em domingo de Páscoa, à alma dos *romeros* que ali procuraram razões para voar no resto do ano todo.

Uma celebração do corpo com vista para a alma, eis a dádiva que outro compatriota nosso encontrou nas virtudes andaluzas, as quais reparte de há largos anos para cá com quantos aqui o queiram.

Ilídio Almeida é proprietário de dois restaurantes na Costa do Estoril (um na Parede, o outro em Cascais) cuja especialidade é a culinária andaluza. Digamos assim: dois templos do palato. Sevilha no prato.

Também responsável pela cozinha, beirão de berço e casado com uma sevilhana, ele tem uma herdade no Alentejo que lhe serve de apoio para as ementas que deliciam os seus fregueses, mas tem de importar o que é genuinamente espanhol.



Sabe o que faz e do que fala quando gaba a excelência das iguarias andaluzas. Vamos então para a mesa.
O mais típico é o fiel *gaspacho* (que na origem deve ser bebido em copo) e as inigualáveis *tapas*, cuja variedade nos inibe menção exaustiva. E, sem que tal implique propósitos sádicos, invoquemos o presunto *Pata Negra* como intróito a uma procissão superlativa que pode arrancar por uma *sopa rica de pescados*, atardar-se numas *lulitas fritas* e nuns *pimentos de piquillo* recheados com bacalhau para, em seguida, à escolha, derivar por um lombo de bacalhau com *migas camperas*, ou uma garoupa *à la marinera* com espargos *trigueros*, quem sabe se por uma espetada de vitela no carvão com *pisto manchego*, ou talvez (ai de nós) uma perdiz escabechada com vinagre de *jerez*, ou ainda uma *paleta* de borrego assada no forno com batata pobre, um arrozito de lebre com perfume de alecrim (e é melhor ficarmos assim). Ou melhor: acaba-se com um queijo *manchego* e uma prece furtiva de contrição pela gula (que ainda é dos melhores pecados que a condição humana inventou).

Como se poderá ver pela amostra, a culinária andaluza é uma culinária rica, não tão sofisticada quanto a catalã, por exemplo, mas variada e abundante de sabores, matérias-primas e condimentos. E o que nela se torna verdadeiramente interessante e único é o facto de constituir um todo harmónico com as demais paixões sevilhanas, as charlas noite fora em convívio colectivo, a dança e o prazer do corpo, a sensualidade à flor da pele, a vida a ser vivida em beleza.
Terra de paixões, Sevilha. De muitas, que todas são a mesma: viver. Mas viver de acordo com o respeito que a vida merece, isto é, saber dar valor à coragem de enfrentar a morte.
Muito tem sido escrito (só mais umas linhas...) sobre a peculiar maneira como em Sevilha se vai aos touros: o silêncio da Maestranza, o tempo suspenso, os paralelismos com a religião, o esplendor da festa que pode sempre estoirar em sangue-tragédia, a complexa arte dos *matadores*. Digamo-lo também em português.
No último domingo de Setembro de 1962, domingo da Feira de S. Miguel, um jovem português de 25 anos olhava-se ao espelho no seu quarto da Residencial Sevilla e o que o espelho reflectia era a imagem ansiada desde a infância: ele em *traje de luces* em tarde de alternativa, ele a caminho da Real Maestranza.
Armando Soares tem hoje 60 anos e recordará para sempre cada minuto daquele que permanece como o dia mais exaltante da sua vida profissional de toureiro. Atrás dessa vieram, é verdade, muitas centenas de outras tardes, tantas de maior apoteose, nenhuma com o sabor plenamente intenso daquela.
A ansiedade, a emoção que ainda hoje lhe é difícil descrever, a responsabilidade do momento, o célebre e temido e pesado silêncio duma Praça que era o mais que tudo do seu mundo. Talvez tenha invocado a inspiração de um seu compatriota, o grande Manuel dos Santos, que ali tomara alternativa 14 anos antes e seguramente cumpriu os preceitos iniciáticos dos *matadores* e a meticulosa preparação do corpo para o altar do seu dia. Pisou a arena como se já estivesse no Paraíso, com o passo enxuto e exacto dos predestinados. Estava onde sempre quisera estar.
Flor de Maio se chamava o primeiro touro que lhe saiu, o da alternativa. O segundo, o que lhe deixaria um *puntado* no lábio (um toque, uma recordação para a vida, que hoje acaricia nostalgicamente) dava pelo nome de *General*.
A *faena* até lhe correu bem, mas não foi brilhante a matar e perdeu as orelhas dos inimigos. Deixá-lo, que para outra oportunidade ficará a saída em ombros pela Porta do Príncipe, deixá-lo que aquele pri-

meiro dia é glória absoluta na memória de um homem tão apaixonado por Sevilha que lá lhe chamam «português de Triana», cidade onde viveu 10 anos, onde chegou a representar no Teatro Lope de Vega (onde fazia de moço de touros, pois então...), onde se estreou a ver a *Carmen* e foi logo na Praça da Real Maestranza, Sevilha a que regressa sempre com a excitação daquele longínquo dia em que lá desembarcou de mala às costas e todos os sonhos de um *diestro* de 20 anos decidido a triunfar a golpes de valentia num mundo em que o destemor vale como obra de arte.

Se há uma clara conivência entre a devoção religiosa andaluza, o hedonismo gastronómico e a gravidade do toureio de morte, tudo isso explode e faz sentido nas formas como ali cantam e dançam.

Pepa Herédia e Cecília Marín são duas jovens e *guapas* professoras vindas de Sevilha para Lisboa a fim de dar aulas de danças sevilhanas, arte que praticam no Centro da Juventude da Galiza com algumas dezenas de alunos de várias nacionalidades.

A conversa com elas decorreu num café lisboeta, para espanto e gáudio da clientela, seguramente pouco habituada a exemplificações públicas daquele *saleroso* estilo (e se tal detalhe é para aqui trazido é-o unicamente para ilustrar a descomplexada alegria, inata e patente alegria das mulheres andaluzas).

Sem aspirar a profundidades eruditas, ficámos a saber que a origem provável das *sevillanas* mergulha em raízes árabes, ciganas e africanas e que o *flamenco* tem matriz decididamente cigana (talvez pelo século XVIII, a partir das províncias de Sevilha e Cádis).

O que é que, *grosso modo*, individualiza cada uma dessas emblemáticas formas de expressão?

As *sevillanas* podem vir a ser dançadas por todos quantos possuam coordenação corporal, ouvido para a música, sentido do ritmo. Sendo uma dança genuinamente popular, que as gentes locais conhecem desde o berço, é natural que as escolas existentes em Sevilha sejam sobretudo para estrangeiros, dando-se aliás o caso curioso de no Japão haver muito mais academias de danças andaluzas que na própria Andaluzia.

Dança de sedução, de pura coqueteria, alegre, familiar, dança de pares (homem-mulher ou mulher-mulher) a *sevillana* apresenta-se com coreografias e suporte musical quase imutáveis, sendo que as letras é que variam (temática amorosa, quotidiana, religiosa, etc.). Em plena Feira de Abril é ver como as mulheres se ataviam e espontaneamente os braços se alçam, as mãos voam, os corpos se requebram, as gargantas se soltam no encantamento graciosíssimo de

corpos que não se tocam mas se provocam num jogo de enamoramento mais festivo que erótico.

Já o *flamenco* é uma arte mais elitista, etnicamente depurada, de pura tradição oral, dança que se abre aos sentimentos individuais (sobretudo sentimentos de dor, abandono e morte), marca sofrida do povo cigano, tecnicamente exigente no domínio absoluto dos membros e do corpo.

Talvez se possa simplificar afirmando que as *sevillanas* apresentam o lado mais convivial, solar, exterior da alma andaluza, e que o *flamenco* representa o outro lado da moeda, a face dolorosa e fatalista de um povo de *cantaores, bailaores* e *palmeros*.

E onde é que, Pepa e Cecília, essas coisas podem ser proveitosamente vistas e ouvidas em Sevilha?



Com generosidade criteriosa, e sorrisos onde é fácil detectar recordações tonificantes, elas sugerem *tablaos* (ou pátios andaluzes) como Los Gallos, El Arenal e El Barco ou *tabernas* como Mari Campallo ou La Raya Real.

E quem, Pepa e Cecília, quem ali canta e dança?

Para *sevillanas*, os grupos Salsamarina e Siempre Así (também especialistas em *rumbas*). Para *flamenco, cante jondo* ou *fandango*: Aurora Vargas, Manolo Marín, Cristina Hoyos, Antonio Cortés *Chiquetete*, a Família Fernandez, Macanita ou Juana la de El Revuelo. Para não falar do famosíssimo e também sevilhano Paco de Lucia.

Resumindo: há que voltar sempre a Sevilha. Ela merece. E nós também. ■



BIBLIOGRAFIA

- *Guia Oficial Expo 92.*
- *Exposiciones Universales, El mundo en Sevilla*, Luis Calvo Teixeira, ed. Labor, RTVE, Expo 92.
- *Abierta al mundo*, Fotos del primer dia, Expo 92.
- *Historia de Sevilla, La ciudad del Quinientos*, Francisco Padron.
- *Anedoctario Sevillano*, Juan de Mata Carraiazo.
- *Sevilla, um nombre en la Opera*, Editoriales Andaluzas Unidas.
- *La Opera y Sevilla*, Sevilla Equipo 28.
- *Curiosidades historicas de Sevilla*, Juan Maria de Mena, JRC Editor.
- *ABC*, «Sevilla barrio a barrio», Prensa española.
- *Geo*, Expo 92, Abril/Out 92.
- *Leer*, n.º 90, Rutas Literarias Andalucía, 97.